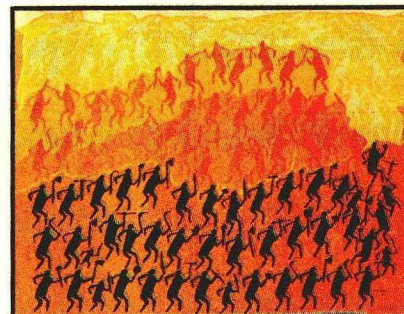


DF - Arte

À SOMBRA DE Bulcão



Fotos: Sérgio Amaral



CÂNDIDA XAVIER COSTA SE TRANSFORMA DE EMPREGADA DOMÉSTICA EM ARTISTA PLÁSTICA DEVIDO À INFLUÊNCIA DO PATRÃO — O PROFESSOR ATHOS

Rogério Menezes
Da equipe do **Correio**

AVIDA TEM DESSAS COISAS. QUANDO CÂNDIDA XAVIER COSTA NASCEU EM NIQUELÂNDIA (GO), A 19 DE AGOSTO DE 1932, O JOVEM ATHOS BULCÃO, NO FULGOR DOS 14 ANOS, FLANAVA PELAS RUAS DO RIO DE JANEIRO.

Quase sete décadas depois, a goiana e o carioca quase brasileiro (vive na cidade há 41 anos) são unha e carne, dedo e anel, seca e cerrado — parceiríssimos. Athos Bulcão é, aos 81 anos, instituição brasileira, artista responsável por alguns dos marcos da vida arquitetônica da cidade. Melhor: não pára, de trabalhar. Cândida Xavier Costa, ex-babá/cozinheira/bóia-fria, é companheira de todas as horas do mestre, a quem chama carinhosamente de *professor*. E, ossos do ofício, virou também artista plástica — com obras em exposição na 508 Sul.

A parceria iniciada há 26 anos é sólida, sujeita a eventuais chuvas e trovoadas e é prova edifican-

te de que opostos podem se atrair (e se associar) de maneira indissolúvel. Athos é vulcão sempre à beira da explosão, artista de sensibilidade rara, cidadão do mundo. A *mignon* Cândida é caseira, pacata, simplória, ingênua até.

Ambos, no entanto, coincidem num ponto: têm princípios afetivos sólidos, não costumam desistir facilmente das amizades que conquistaram, ainda que tenham de engolir em seco as idiossincrasias um do outro. Cândida foi chegando de mansinho e, inicialmente, se assustou com as “estranhices” do novo patrão.

Num fim de tarde do início de agosto, no estúdio que ocupa amplo apartamento na 714 Sul, Cândida X. Costa (como assina as telas que produz), relembra o começo da história: “Logo quando cheguei percebi: não seria fácil o professor gritava comigo, era desligado das coisas da casa, esquecia de pagar a conta da luz. Um dia cheguei, a tomar a decisão de ir embora. Mas fui ficando...”

Em noites de insônia (agora Cândida dorme bem graças aos comprimidos de Cipramil que consome por receita médica — quando não o toma, costuma entrar em crise depressiva), se virava na cama e se arrependia da decisão que havia tomado: “Tinha ido trabalhar com o professor principalmente pelo fato de não ter criança em casa. E desco-

bri: a criança era ele, ele às vezes agia como criança embrirenta.”

A mesma voz que gritava impropérios contra a nova empregada era capaz de proferir frases gentilíssimas. “Depois que a crise passava, quando eu voltava para casa depois de algum tempo andando na rua tentando me acalmar, o professor me pedia desculpas, me chamava para conversar, falava de coisas pessoais. Ouvia aquilo tudo, me acalmava e fui ficando...”

ABRINDO O CORAÇÃO

Nessas conversas pessoais Athos Bulcão abria o coração. Vivia afundado em problemas familiares, se queixava de solidão (Cândida só lembra de uma namorada — “há muito tempo, quando a gente ainda morava na 404 Sul”) e tinha constantes crises de insegurança profissional: “Ele dizia que era pintor sem talento, que as coisas que fazia não tinham valor, que o trabalho dele não era reconhecido. Tinha muito complexo. Eu só ouvia...”

Cândida Xavier Costa ouvia — e via tudo, com olhos bem abertos. E gostava, principalmente, do que via. As cores que o professor usava para pintar telas lhe faziam lembrar os tempos de garota em Niquelândia. “Acho que a pintora começou ali, garotinha, quando, escondida de minha mãe, abria a Bíblia ilustra-

da com gravuras que havia em casa, e ficava copiando em desenhos coloridos tudo o que via.”

Viu e esqueceu. Só aos 28 anos, reconectou-se com a pintura: aprendeu a pintar tecidos. “Fiz algumas coisas, mas desisti logo. Eram muito feias,” admite. Foi na convivência com o professor Athos Bulcão que aprendeu tudo o que sabe. No começo, limitava-se a lavar e a limpar todo o material de trabalho do patrão. “Entre uma lavagem de roupa e uma faxina na casa, ficava olhando, fascinada, ele trabalhando.”

Mais tarde, aproveitando as constantes viagens de Athos Bulcão, começou a fazer “uns enfeites” para colocar no quarto. Depois passou a pintar máscaras femininas. Toda essa produção emergente era guardada, a sete chaves, para que o patrão não visse. Mas um dia ele viu — e riu muito do que viu. “Pensei que estava rindo de mim, achando ruim o que estava fazendo, e joguei tudo fora,” relembra Cândida.

Mas não havia mais saída — a pintura já a tinha pegado de jeito. Passou a desenhar quadros em pedaços de madeira. A *Vida de Cristo Com os Anjos* e A *Rainha de Sabá* (que guarda até hoje) foram os primeiros quadros. E, corajosamente, mostrou a produção para Athos Bulcão. “Nunca esqueci. Ele me falou exatamente assim: ‘Se você gos-

tar de pintar, você tem que pintar a partir de alguma coisa que venha de dentro de você.”

O conselho deixou Cândida “encafifada”: “Não entendi nada do que me disse.” Mas pensou, pensou e pensou. Mergulhou fundo na memória e relembrou das gravuras que via nos livros evangélicos da mãe, e que passaram a ser os temas recorrentes do trabalho de Cândida X. Costa. Era 1984. Desde então, já pintou mais de cem quadros e expôs em Penápolis (SP), no Museu de Arte de São Paulo e, em Brasília, realizou a primeira mostra individual em 1995 — na Cultura Inglesa.

A empregada doméstica que nunca casou virou amiga pessoal de Athos Bulcão — “É como se fosse meu irmão mais velho” — e artista plástica elogiada pelo próprio mestre: “Ela tem intimidade com as cores, trabalha muito bem esse aspecto, que é o fator principal dentro da arte. Nunca precisei interferir no trabalho dela, nem para melhor, nem para pior.”

A prática e a convivência com a arte genial de Athos Bulcão tornaram Cândida mais crítica: “No início pegava todos os meus quadros, colocava na sala e ficava olhando, meio abestalhada, o que fazia. Adorava tudo. Hoje em dia não é mais assim. Agora às vezes gosto de uma coisa e não gosto de outra, que acabo jogando fora.”

Descobriu também as cores do

pintor holandês Van Gogh. Aproveitando dinheiro poupado com a venda de quadros e dos dois salários mínimos que recebe de Athos Bulcão, fez excursão de 26 dias pela Europa. Visitou Madri, Roma, Paris, Londres — e, claro, Amsterdam. Foi o ponto alto da viagem. Ficou parada durante meia hora diante do quadro *Campos de Trigo com Corvos*, exposto no Museu Van Gogh. “Foi estranho. Senti saudade, muita saudade. Lembrei da vida dele que li num livro e tive muita pena. Pensei: se ele fosse vivo seria tão bom...”

Ao voltar a Brasília, a primeira coisa que fez foi fazer cópia do quadro de Van Gogh. Colocou na parede do quarto e todo dia o olha antes de dormir — e reza.

Fiel seguidora da Igreja Adventista de Sétimo Dia, vive tentando convencer o professor Athos Bulcão a crer que a vida continua depois da morte. “Mas parece que ele não tem muita fé, não...”

E torce fervorosamente para que a vida do professor Athos Bulcão não acabe tão cedo: “Sem ele não sou nada.”

■ Leia mais sobre Athos Bulcão na página 2.

SERVIÇO

CÂNDIDA XAVIER COSTA
Exposição de quadros da pintora. Horário de visita: de terça a domingo, das 13 às 21h. Galeria Parangolé. Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul). Até 29 de agosto.